

TRADUÇÃO

DE IMIGRANTE A TRANSMIGRANTE: TEORIZANDO A MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL¹

Nina GLICK SCHILLER²

Linda BASCH³

Cristina SZANTON BLANC⁴

Resumo: Os imigrantes contemporâneos não podem ser caracterizados como “desenraizados”. Muitos são transmigrantes, se tornando firmemente enraizados em seu novo país, mas mantendo múltiplos vínculos com sua terra natal. Nos Estados Unidos, os antropólogos estão empenhados em construir uma antropologia transnacional e repensar seus dados sobre imigração. A migração mostra ser um importante processo transnacional que reflete e contribui para as atuais configurações políticas da emergente economia global. Neste artigo, usamos nossos estudos de migração de São Vicente, Granada, Filipinas e Haiti para os Estados Unidos para delinear alguns dos parâmetros de uma etnografia da migração transnacional e explorar as razões e as implicações das migrações transnacionais. Concluimos que as conexões transnacionais dos imigrantes fornecem um subtexto dos debates públicos nos Estados Unidos a respeito dos méritos da imigração.

¹ Publicado originalmente com o título: “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration” - *Anthropological Quarterly*, Vol. 68, nº 1 (Jan., 1995), pp. 48-63.

Tradução de: Mário A. Eufrásio (CERU/Departamento de Sociologia - FFLCH - USP); Michele Aparecida de Souza (Unifesp-EFLCH); Célia Toledo Lucena (CERU-USP); Geraldo Ribeiro de Sá (UFJF) e Maria Christina Siqueira de Souza Campos (CERU-USP).

² University of New Hampshire

³ Wagner College

⁴ Columbia University

Palavras-chave: Transnacionalismo. Imigração. Estado-nação. Nacionalismo. Identidade.

Abstract: Contemporary immigrants can not be characterized as the “uprooted.” Many are transmigrants, becoming firmly rooted in their new country but maintaining multiple linkages to their homeland. In the United States anthropologists are engaged in building a transnational anthropology and rethinking their data on immigration. Migration proves to be an important transnational process that reflects and contributes to the current political configurations of the emerging global economy. In this article we use our studies of migration from St. Vincent, Grenada, the Philippines, and Haiti to the U.S. to delineate some of the parameters of an ethnography of transnational migration and explore the reasons for and the implications of transnational migrations. We conclude that the transnational connections of immigrants provide a subtext of the public debates in the U.S. about the merits of immigration.

Keywords: Transnationalism. Immigration. Nation-state. Nationalism. Identity.

Nos Estados Unidos, várias gerações de pesquisadores têm considerado os imigrantes como pessoas que se desenraizaram, deixaram para trás a pátria e o país e enfrentam o penoso processo de incorporação numa sociedade e numa cultura diferentes (HANDLIN, 1973[1951], TAKAKI, 1993). Um novo conceito de migração transnacional vem surgindo, todavia, o qual questiona essa conceituação dos imigrantes, sugerindo que, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, os imigrantes em crescentes números devem ser melhor entendidos como “transmigrantes”. Os transmigrantes são imigrantes cujas vidas diárias dependem de interconexões múltiplas e constantes por meio de fronteiras internacionais e cujas identidades públicas estão configuradas em relação a mais do que um Estado-nação (GLICK SCHILLER *et alii*, 1992a, BASCH *et alii*, 1994). Eles não são hóspedes temporários ou residentes

de curta permanência porque se estabelecem e vêm a se incorporar à economia e às instituições políticas, as localidades e os padrões da vida diária do país em que residem. Contudo, ao mesmo tempo, eles estão comprometidos com outros lugares no sentido de que mantêm conexões, constroem instituições, conduzem transações e influenciam eventos locais e nacionais nos países dos quais emigraram.

A migração transnacional é o processo pelo qual os imigrantes forjam e sustentam relações sociais de múltiplas dimensões simultâneas que unem sua sociedade de origem e de adoção. Ao identificar um novo processo de migração, os estudiosos da migração transnacional enfatizam os modos correntes e contínuos pelos quais os imigrantes dos dias atuais constroem e reconstituem sua incorporação simultânea em mais de uma sociedade. O objetivo deste artigo é delinear os parâmetros de uma etnografia da migração transnacional e usar essa antropologia para explorar os modos pelos quais o atual debate sobre imigração nos Estados Unidos podem ser lidos como um projeto de construção de Estado-nação que delimita e restringe as fidelidades e as lealdades dos transmigrantes. Uma vez que tenhamos reformulado o conceito de imigrante e examinado os fatores políticos que moldaram a imagem dos imigrantes como os desenraizados, toda uma nova abordagem para a compreensão dos imigrantes e do debate atual a respeito da imigração se torna possível.

Três exemplos de discontinuidades que observamos entre as práticas transnacionais dos imigrantes e os pressupostos comuns a respeito dos imigrantes presentes em formulações de estudiosos, pessoas comuns, meios de comunicação e especialistas de órgãos públicos ilustram a visão míope dos imigrantes demonstrada em grande parte do debate público. Essas ilustrações apontam para a necessidade de redefinir nossa terminologia e reformular algumas das nossas conceituações básicas da

experiência corrente dos imigrantes.

Um grande número de famílias filipinas são transnacionais, com indivíduos, recursos, bens e serviços que se deslocam indo e vindo entre Estados Unidos, Filipinas e outros países. As decisões que afetam a vida diária dos membros da família são tomadas através das fronteiras nacionais. Todavia, Szanton Blanc observou, ao participar com os organizadores do recenseamento e os imigrantes filipinos que viviam em Nova York, de discussões que antecederam a administração do Censo dos Estados Unidos de 1990, que as questões do censo a respeito das famílias não refletiam o transnacionalismo dessas populações.⁵ As perguntas pressupunham que todos os filipinos residiam nos Estados Unidos permanentemente, tendo cortado seus laços com seu país de origem. O caráter parcial de muitas das famílias filipinas localizadas nos Estados Unidos que participaram da entrevista do censo não foi reconhecido. A frequência das viagens entre os dois países, as relações em andamento entre os membros da família que vivem em ambos os locais marcados por uma constante troca de fundos e recursos e a organização de atividades através das fronteiras não foram examinadas. Assim, os funcionários de instituições governamentais e cívicas com frequência formulam políticas e programas baseados em dados de censo que captam inadequadamente a estrutura e o modo de operação de muitas famílias imigrantes contemporâneas.

* * *

⁵ Os imigrantes filipinos também não levantavam o tema do transnacionalismo. Mesmo quando continuam a elaborar suas práticas e redes transnacionais, os imigrantes, muito frequentemente influenciados pelo conceito do “imigrante” como desenraizado, acreditam que devem fazer uma escolha entre o seu novo país e a sua pátria. Interações tais como aquelas com os organizadores do Censo reforçam sua crença de que a sociedade estadunidense quer que eles sejam leais somente aos Estados Unidos, de modo que eles não descrevem outros aspectos de suas experiências.

Em um jantar, recentemente, Glick Schiller presenciou especialistas em desenvolvimento internacional que debatiam o grau em que as terras no campo no Haiti eram cultivadas por invasores. Esses especialistas não consultaram o único haitiano na mesa. Eles não esperavam que ele estivesse familiarizado com questões de posse da terra no Haiti porque ele era uma autoridade em cosmologia haitiana que vivia nos Estados Unidos desde quando era adolescente. O que eles não consideraram foi que o erudito haitiano e seu irmão possuíam terras no Haiti e que os dois irmãos haviam negociado uma relação de trabalho com os invasores que moravam em suas terras. Como tantos haitianos nos Estados Unidos, o estudioso haitiano se relaciona com o Haiti por meio de diversos e contínuos relacionamentos sociais e de classe que influenciam sua posição em relação ao desenvolvimento do Haiti. Estudiosos do Haiti rotineiramente ignoram o impacto da migração transnacional em todos os aspectos da sociedade haitiana, incluindo o relacionamento do Haiti com os Estados Unidos.

* * *

Na Expo 1993, uma feira comercial e cultural no Brooklyn patrocinada pela Câmara de Comércio Americana do Caribe na qual Basch esteve presente, um dos painéis explorou a medida em que o currículo das escolas da cidade de Nova York dá lugar às experiências dos afro-caribenhos e dos afro-americanos. Logo ficou claro que muitas famílias de imigrantes optam por enviar seus filhos para escolas particulares das Índias Ocidentais de Nova York, onde o currículo reflete

tanto experiências do Caribe como dos EUA, preparando as crianças para viverem uma existência transnacional. De fato, muitos jovens vindos das Índias Ocidentais são enviados para as Índias Ocidentais para uma parte de sua educação. Contudo, os funcionários públicos envolvidos no desenvolvimento dos currículos muitas vezes não reconhecem que a socialização de muitas crianças transmigrantes ocorre num espaço social interconectado, abrangendo tanto as sociedades de origem dos nascidos nas Índias Ocidentais como a dos Estados Unidos.

Rumo a uma antropologia transnacional

Na década de 1960, a palavra “transnacional” foi amplamente utilizada por estudiosos de processos econômicos para se referir ao estabelecimento de estruturas corporativas ou associativas com bases organizacionais estabelecidas em mais de um estado (MARTINELLI, 1982). Numa tradição intelectual separada, diversas gerações de estudiosos usaram o adjetivo “transnacional” para sinalizar uma redução das fronteiras nacionais e o desenvolvimento de ideias ou instituições políticas que incluía as fronteiras nacionais; é esse uso que pode ser encontrado em dicionários padrão. Por exemplo, o dicionário *Webster’s Third New International*, definindo o termo como “extensão ou ampliação das fronteiras nacionais” (1976: 2430), oferece dois exemplos. O primeiro, da revista *New Republic*, fala da “redução do nacionalismo e a criação de instituições transnacionais que tornariam as fronteiras de importância secundária”. Na segunda citação, Edward Sapir informa que “pela difusão de palavras culturalmente importantes, os vocabulários transnacionais cresceram”.

O uso recente do adjetivo “transnacional” nas ciências sociais e estudos culturais reúne os diversos significados da palavra, de modo que

a reestruturação do capital globalmente é vista como ligada à importância diminuída das fronteiras nacionais na produção e distribuição de objetos, idéias e pessoas. Os processos transnacionais são vistos cada vez mais como parte de um fenômeno mais amplo de globalização, marcado pelo desaparecimento do estado-nação e pelo crescimento das cidades mundiais que servem como nós-chave da acumulação de capital, da comunicação e do controle flexíveis (KNOX, 1994, KNIGHT; GAPPERT, 1989). Na antropologia⁶, tem havido um renovado interesse pelos fluxos de cultura e de população através das fronteiras nacionais, revivendo, em um novo contexto global e teórico, interesses do passado na difusão cultural⁷. Muitos dos que contribuíram para essa tendência acadêmica a vêm como parte de um esforço para reconfigurar o pensamento

⁶ O termo “transnacional” aparece nos títulos de livros, dissertações, conferências e revistas acadêmicas (*American Academy of Political and Social Science* 1986; Georges 1990; Richman 1992a; Rouse 1989; Wakeman 1988). *Diaspora* é “um *journal* de estudos transnacionais”, *Public Culture* tem como seu sub-título a “Sociedade para Estudos Transnacionais” e o enunciado de propósito de *Identities* fala em “movimentos transnacionais de população”. Em 1993 as conexões transnacionais se tornaram um tema do encontro anual da Sociedade Etnológica Americana, enquanto a Sociedade de Antropologia Cultural solicitou trabalhos sobre “cultura transnacional”. O encontro de 1994 da Sociedade Antropológica Americana continha sete sessões dedicadas aos estudos transnacionais.

⁷ Sutton e Mackiesky-Barrow (1992 [1975]): 114) estiveram entre os primeiros a falar de um “sistema político e cultural transnacional” em que “eventos políticos internos (...) tiveram um impacto sobre as comunidades de migrantes no estrangeiro, enquanto que experiências de migrantes se voltavam na direção oposta”. Pesquisadores trabalhando com imigrantes cujas vidas desafiam, algumas vezes em termos diários, as restrições legais da fronteira mexicana e estadunidense, começaram a falar de “circuitos transnacionais” (Rouse 1989, 1991) ou de “comunidades transnacionais” (KEARNEY, 1992; ROUSE, n. d.). Appadurai (1990, 1991) e Gupta (1992), notando o rápido fluxo de idéias e objetos, assim como de pessoas, começaram a repensar o globo como tendo entrado numa era de transnacionalismo, uma posição também expressa por Rouse e Kearney. Em 1989, respondendo a nosso pedido de se desenvolver uma perspectiva transnacional acerca da migração, sete estudiosos examinaram as ramificações da migração transnacional para os Estados Unidos vindas da Ásia, do Caribe, do México e de Portugal, numa conferência na Academia de Ciências de Nova York (ver CHARLES, FELDMAN-BIANCO, LESSINGER, ONG, ROUSE, RICHMAN e WILTSHIRE *in* GLICK SCHILLER *et alli*, 1992b).

antropológico de modo que ele venha a refletir as transformações atuais no modo pelo qual o tempo e o espaço são experimentados e representados (APPADURAI 1990, 1991, GUPTA; FERGUSON, 1992, KEARNEY, 1991a, 1991b, HANNERZ, 1989, 1990). Appadurai afirmou que a etnografia agora tem a tarefa de determinar “a natureza da localidade, como experiência vivida, em um mundo globalizado e desterritorializado” (1991:196). Ele argumentou ainda que é necessário reconceituar as “paisagens de identidade grupal”, uma necessidade que decorre da conjuntura mundial atual em que “os grupos não mais estão firmemente territorializados, espacialmente delimitados, historicamente inconscientes ou culturalmente homogêneos” (p. 191).⁸

A migração é um dos importantes meios através dos quais fronteiras e limites estão sendo contestados e transgredidos (KEARNEY, 1991a e ROUSE, 1991, 1992). Os antropólogos que trabalham com migrantes têm muito a contribuir para a nossa compreensão de um novo paradoxo: que o crescimento e intensificação da interconexão global de processos econômicos, pessoas e ideias é acompanhado por um reaparecimento da política de diferenciação. Quando estudamos a migração ao invés de fluxos ou representações culturais abstratas, vemos que os processos transnacionais estão localizados dentro da experiência de vida de indivíduos e famílias, formando a urdidura e o tecido das atividades diárias, dos interesses, medos e realizações.

Razões para a migração transnacional

Três poderosas forças conjuntas na atual economia global levam os imigrantes de hoje em dia a se estabelecerem em países que são

⁸ Este enunciado reflete uma tendência encontrada em muitos estudiosos influenciados pelo pós-modernismo de imaginar um passado de culturas sem mudanças e fortemente confinadas a suas fronteiras.

centros do capitalismo global, mas a viverem vidas transnacionais: (1) uma reestruturação global do capital baseada em mudanças de formas de acumulação de capital levou à deterioração social e das condições econômicas tanto no país que envia a força de trabalho como no país que recebe a mão-de-obra, sem que nenhum lugar seja um terreno seguro de fixação; (2) o racismo nos Estados Unidos e na Europa contribui para a insegurança econômica e política dos recém-chegados e seus descendentes; e (3) os projetos de construção nacional tanto da sociedade doméstica como da sociedade de acolhimento produzem lealdades políticas entre imigrantes para cada Estado-nação em que eles mantêm laços sociais.

O capitalismo desde os seus inícios tem sido um sistema de produção dependente das interconexões globais entre os povos do mundo. Hoje, estamos nos defrontando com uma reconstituição da estrutura de acumulação, de modo que não só os lucros se acumulam globalmente, mas todas as partes do mundo foram incorporadas em um único sistema de produção, investimento, comunicação, coordenação, alocação de pessoal, produção e distribuição (SASSEN, 1994). Neste contexto global, há menos incentivo para investir em economias nacionais em conjunto. Tornou-se mais lucrativo basear operações globais em certas cidades e regiões que estão emergindo como centros de comunicação e organização (SASSEN, 1991). O capital está sendo canalizado para setores e regiões-chave, enquanto a infra-estrutura de transporte, educação, serviços de saúde são desmantelados naqueles países e setores de países e cidades, definidos como supérfluos para os recém-definidos circuitos de riqueza e poder. Os ataques à infra-estrutura assumem a forma de programas de ajustamento estrutural em países devedores e exigem redução de impostos e gastos públicos em países exportadores de capital, como os Estados Unidos.

As condições para a migração numa miríade de Estados economicamente periféricos foram estabelecidas pela penetração intensiva de capital estrangeiro na economia e nos processos políticos dos países “pós-coloniais” nas décadas de 1960 e 1970 e o subsequente crescimento maciço do endividamento e do corte de gastos econômicos. Confrontados a uma ampla deterioração de seus padrões de vida, profissionais, trabalhadores qualificados, trabalhadores não qualificados, comerciantes e produtores agrícolas, todos fugiram para cidades globais ou para países como os Estados Unidos que ainda desempenham papéis centrais na acumulação de capital. Contudo, uma vez nesses países, os imigrantes enfrentam uma crise econômica cada vez mais profunda que frequentemente limita as possibilidades econômicas e a segurança que muitos conseguem obter. Sobretudo aqueles setores da atual população imigrante que se encontram racializados como “hispânicos”, “asiáticos” ou “negros” descobrem que, mesmo se chegam a obter uma posição segura, enfrentam diariamente uma discriminação na busca de suas atividades de vida.

Observando a permeabilidade das fronteiras e dos limites sinalizados por essa forma de migração, alguns observadores começaram a falar do desaparecimento da capacidade do estado-nação de formar e disciplinar seus sujeitos (KEARNEY, 1991a). Contudo, a tarefa de criar sujeitos capitalistas e a tarefa de governar as populações que trabalharão no mundo de desigualdades amplamente aumentadas de riqueza e poder, e o aceitarão, continuam residindo fundamentalmente em estados diferentes e desiguais. Os interesses financeiros e os conglomerados transnacionais continuam a depender da legitimidade e das estruturas legais, fiscais e policiais do estado-nação⁹. Há, porém, mudanças precipitadas por essa forma emergente de migração. Estamos entrando numa era em que

⁹ Appadurai (1993) faz uma observação semelhante, mas não inclui funções militares e policiais.

estados que podem reivindicar populações dispersas se constroem como “estados-nações desterritorializados” (BASCH *et alli*, 1994); Estados que continuam a ser bases de capital, em vez de pátria de migrantes, respondem de maneiras que enrijecem em vez de transgredir as fronteiras territoriais. A ética política hegemônica dos Estados Unidos continua a exigir que os cidadãos, nativos e naturalizados, jurem fidelidade apenas aos Estados Unidos e definam sua identidade política dentro das suas fronteiras. Enquanto isso, as forças dominantes nos estados que enviam mão de obra imaginam que seus estados existem onde quer que seus emigrantes tenham sido incorporados.

Memórias de Coisas Passadas: A Questão da História e da Memória nos Estudos de Imigração

É útil recordar a natureza social e historicamente construída do conceito de Estado-nação para entender esse aspecto da migração transnacional. Estudos acadêmicos recentes mostraram claramente que os Estados-nação são invenções relativamente novas que podem estar ligadas ao desenvolvimento do capitalismo e ao tipo de lealdades políticas e econômicas que atendem às necessidades das classes e estratos dominantes nos Estados centralizados modernos (HOBSBAWM, 1990; GELLNER, 1983). Os Estados-nação foram construídos como classes e estratos de elite, esforçando-se para manter ou disputar o poder do Estado, popularizaram memórias de um passado compartilhado e usaram essa narrativa histórica para autenticar e validar uma atitude comum de propósitos e de interesses nacionais (ANDERSON, 1991[1983]). Esse processo de construção e moldagem de memórias coletivas pode ser chamado de construção do Estado-nação. Elemento chave para a criação do Estado-nação como um processo político tem sido a construção de

um mito de que cada Estado-nação conteria em seu interior um único povo definido por sua residência num território comum, sua lealdade não-dividida para com um governo comum e sua herança cultural compartilhada. No passado, os imigrantes eram forçados a abandonar, esquecer ou negar seus vínculos com seu país de origem e, nas gerações subsequentes, as memórias de conexões transnacionais eram apagadas.

Há evidências de que, de diversas maneiras e em diferentes graus, populações dispersas, quer fossem diásporas de judeus (CLIFFORD, 1994), de palestinos (GONZÁLEZ, 1992), ou imigrantes do “velho mundo” para os Estados Unidos (PORTES; RUMBAUT, 1990), mantinham redes de interconexão. Muitos imigrantes da Europa que se estabeleceram no final do século XIX e início do século XX mantiveram os laços familiares através do envio de cartas e dinheiro (METZKER, 1971; THOMAS; ZNANIECKI, 1927). Os italianos voltaram para seu país de origem para comprar terra com o dinheiro conseguido no exterior (DI LEONARDI, 1984). Os checos e os eslovacos (WITKE, 1940), os húngaros (VASSADY, 1982) e os irlandeses (HIGHAM; BROOKS, 1978) estiveram entre as muitas populações de imigrantes que construíram fortes movimentos nacionalistas na Europa a partir de uma base nos Estados Unidos.

Esses laços foram rebaixados e obscurecidos pelas narrativas da nação que eram predominantes até o atual período de globalização. Suposições a respeito do desenraizamento dos imigrantes filtraram o modo pelo qual a história dos imigrantes foi gravada, interpretada e lembrada.¹⁰ No coração da metáfora da “América como *melting pot*” estava um modelo de assentamento dos imigrantes no qual eles fugiam da sua identidade nacional, assim como dos costumes e da língua de seu nascimento. No entanto, a ruptura dos laços com a pátria ou a sua

¹⁰ Gilroy (1987) examinou a resposta de jovens imigrantes negros na Grã-Bretanha sob uma perspectiva semelhante.

transformação em sentimento, mais do que uma conexão, é também um aspecto central das concepções pluralistas e multiculturais dos Estados Unidos, em que os grupos de imigrantes são encorajados a preservar sua cultura, seus costumes e sua identidade, embora fossem totalmente incorporados a um mosaico americano (GLAZER; MOYNIHAN, 1970[1963]; Takaki, 1989, 1993). Quer essas imagens tenham sido as da assimilação em uma cultura americana recém emergente ou da incorporação a um Estados Unidos culturalmente diversificado, forjar uma nacionalidade americana foi e continua a ser uma preocupação subjacente que uniu todo o discurso a respeito da imigração.¹¹ O que foi uniformemente definido como inaceitável foi uma migração em que os imigrantes se estabeleceriam permanentemente em seu novo país, embora mantendo laços com países que ainda viam como sua pátria. E, no entanto, este é um padrão emergente entre muitas populações de imigrantes que atualmente se instalam nos EUA.¹²

Um breve relato dos Estudos da Americanização encomendados pela Carnegie Corporation, em 1918, pode servir para ilustrar os tipos de conexões políticas transnacionais que eram mantidas pelas gerações anteriores de imigrantes estabelecidos nos Estados Unidos e os processos pelos quais essas conexões foram diminuídas e historicamente obliteradas. Os estudos foram encomendados durante a Primeira Guerra Mundial porque os laços com a pátria e o engajamento político de grandes números de imigrantes da Europa levantaram questões a respeito da fidelidade e

¹¹ Ver Chock (a aparecer) para uma crítica do modo pelo qual textos tais como a *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups* moldou narrativas de locais de fixação e da identidade de imigrantes.

¹² A intensidade dos primeiros movimentos para assimilar imigrantes pode efetivamente ter sido uma reação ao fato de que imigrantes das primeiras gerações também tendiam a manter seus laços com a pátria de origem. Certamente se vislumbra no registro histórico de grande escala uma migração de retorno para a Itália (PORTES; RUMBAUT, 1990) e movimentos políticos na Europa, incluindo muitas lutas nacionais que eram transnacionais em sua composição (HIGHAM; BROOKS, 1978).

a da lealdade dos imigrantes.¹³ Os pesquisadores se viram envolvidos (e fizeram relato disso), pela evidência do engajamento transnacional dos imigrantes com suas sociedades de origem. Por exemplo, Robert Park, cujo nome geralmente é vinculado aos estudos da Carnegie, só se tornou chefe de todo o projeto quando Herbert Adolphus Miller, que era o Chefe do Departamento de Sociologia da Oberlin College em Ohio renunciou para dedicar mais tempo à organização da Liga das Nações da Europa Central (RAUSHENBUSH, 1979). No entanto, os laços transnacionais só foram notados de passagem e valorizados negativamente nos estudos publicados -- estudos que descreveram e avaliaram o progresso realizado na direção da incorporação dos imigrantes na sociedade estadunidense. Esses estudos contribuíram para a percepção pública de que essas populações eram de fato imigrantes; enquanto isso, as campanhas públicas para garantir que esses imigrantes fossem leais aos Estados Unidos, também procuraram diminuir a continuação dos laços com a pátria-mãe. Nas gerações posteriores, essas conexões geralmente não foram lembradas ou relatadas pelos pesquisadores das ciências sociais. É só agora, e no contexto da incorporação bem sucedida das gerações passadas de imigrantes, que uma história revisionista nos Estados Unidos está lembrando as persistentes conexões transnacionais das gerações passadas de imigrantes (Veja, por exemplo, PORTES; RUMBAUT, 1990).

E, todavia, argumentamos que as conexões atuais dos imigrantes são de uma ordem diferente das vinculações do passado com as sociedades de origem. Os processos atuais de reestruturação e reconfiguração do capital global afetaram tanto a migração internacional como a construção de estados-nação de maneiras importantes. Os novos

¹³ Bolcheviques, incluindo Trotsky, escreveram para a imprensa de imigrante em New York e depois retornaram à Rússia durante a Revolução para criar jornais na União Soviética.

circuitos do capital fornecem o contexto em que os migrantes e os descendentes dos migrantes, muitas vezes incorporados plenamente aos países de assentamento, como os Estados Unidos, mantêm ou constroem novas interconexões transnacionais que diferem em sua intensidade e significação dos laços mantidos pelos migrantes do passado com seus países (BASCH *et alii*, 1994). Eles também fornecem o contexto em que essas ligações estão novamente se tornando visíveis. Ainda há muitas pesquisas a serem feitas, mas parece que as formas atuais de acumulação do capital e as concomitantes alterações na formação de todas as classes e estratos interpenetram os processos políticos e econômicos dos Estados-nações através do mundo todo. O aumento da densidade, a multiplicidade e a importância das interconexões transnacionais de imigrantes é certamente tornada possível e sustentada por transformações nas tecnologias de transporte e comunicação. Aviões a jato, telefones, faxes e a internet certamente facilitam a manutenção de laços estreitos e imediatos com o país de origem. Contudo, a tendência dos transmigrantes de hoje em dia para manter, construir e reforçar ligações múltiplas com seus países de origem parece ser facilitada, mais do que produzida, pela possibilidade de encurtar tecnologicamente o tempo e o espaço. Em vez disso, o transnacionalismo dos imigrantes é melhor entendido como uma resposta ao fato de que na economia global, os migrantes contemporâneos acharam que uma total integração aos países dentro dos quais se fixaram ou não é possível ou não é desejável. Ao mesmo tempo, os partidos, as facções e os líderes de muitos países que podem reivindicar populações dispersas têm considerado sua diáspora como um recurso global e um distrito eleitoral. Embora pareçam romper limites e fronteiras, os processos culturais transnacionais e movimentos de pessoas, ideias e capital contemporâneos foram acompanhados por um aumento de uma política de identidade, que é a louvação de uma nação. Estamos

testemunhando o crescimento simultâneo dos processos de globalização e a atribuição de eminência de nacionalismos exclusivos, delimitados e tornados essenciais (APPADURAI, 1993; ANDERSON, 1992). Este é um momento em que um grande número de pessoas, não mais enraizadas em um único lugar, vão para longas distâncias para revitalizar, reconstruir ou reinventar, não somente suas tradições, mas suas reivindicações políticas de territórios e histórias das quais foram deslocadas. Além disso, esses “nacionalistas de longa distância” (ANDERSON, 1992:12) insistem em que suas reivindicações coletivas sobre a terra ancestral, dão testemunho de sua identidade como povos antigos e homogêneos. Os processos transnacionais parecem ser acompanhados pela “re-inscrição” da identidade no território da pátria (GUPTA, 1992). O governo português, por exemplo, declarou que Portugal era uma nação global (FELDMAN-BIANCO, 1992, 1994). Seus emigrantes e os descendentes dos seus emigrantes são parte de Portugal, mesmo quando vivem em outros países. De modo semelhante, os haitianos, os vicentinos, os granadinos e os filipinos podem residir permanentemente no exterior, mas são vistos como os constituintes de seu país natal.

A diferença entre a relação das sociedades remetentes do passado para com sua diáspora e os esforços atuais tanto dos imigrantes como dos Estados com populações dispersas para construir um Estado-nação desterritorializado que englobe uma população diaspórica dentro do seu domínio, pode ser entendida por meio do exame da trajetória da migração grega. A Grécia é um dos muitos casos em que as populações dispersas têm se engajado na construção do Estado-nação ao longo de vários séculos. Comerciantes e intelectuais de origem grega estabelecidos na Europa Ocidental foram atores importantes nos processos políticos e culturais do final do século XVIII e início do século XIX que resultaram no moderno

Estado grego (JUSDANIS, 1991).¹⁴ Instituições de integração cruciais, tais como escolas locais e bibliotecas, a universidade, a academia, a escola politécnica e o estádio, foram construídas, em grande parte, com contribuições vindas da diáspora. Há evidência de que camponeses empobrecidos e analfabetos, bem como famílias ricas, contribuíram para a construção de instituições educacionais nacionais (p. 213). Contudo, e este é um ponto crítico, embora esses construtores da nação tenham se engajado em atividades transnacionais múltiplas e sobrepostas de maneiras semelhantes aos transmigrantes atuais, eles não alegavam que seus assentamentos no exterior eram parte da Grécia. Eles estavam profundamente comprometidos com a luta para constituir a Grécia como um estado com seu próprio território autônomo. Essa separação do estado-nação da população de emigrantes ainda pode ser encontrada em enunciados de escritos grego-americanos sobre a identidade grego-americana: por exemplo, “*entre aqueles nascidos neste país (...) a identidade de alguém não é aquela de um grego transplantado, mas antes a sensibilidade de um americano étnico*” (MOSKOS, 1989, p. 146 *apud* JUSDANIS, 1991, p. 216).

Atualmente, uma mudança significativa está em andamento. Tanto o governo grego como as pessoas de origem grega instaladas em diversos países do mundo estão redefinindo sua relação com a Grécia. A direção da mudança é sinalizada pela adoção, pelo governo grego, do termo “*spodemoi*” ou “gregos no exterior” para todas as pessoas de ascendência grega. Para uma parte dessas pessoas,

(...) a força unificadora da diáspora helênica não é mais um lugar, o Estado-nação da Grécia, mas o território transcendental imaginado da *Greekness* [lit.: a “*greguidade*”], que grupos de indivíduos

¹⁴ Eles contribuíram para a reconceituação da população de língua grega incluindo desde um grupo religioso de pequena importância composto de co-religionistas dentro do Império Otomano até uma nação com uma cultura nacional compartilhada e seu próprio Estado.

podem apropriadamente adaptar às suas próprias necessidades e interesses. (JUSDANIS, 1991, p. 217).

É nesse novo espaço transnacional que o governo grego está mobilizando a opinião popular para a sua atual oposição ao novo estado independente da Macedônia. Ao participarem do processo político de repensar a história do norte da Grécia (KARAKASIDOU, 1994; DANFORTH, n. d.), os membros dessas populações, estabelecidos há muito tempo, estão participando e se definindo como uma parte da política grega, enquanto permanecem simultaneamente imersos nos estados-nação em que estão estabelecidos.

Evidência dos Processos Transnacionais

Nas seções restantes deste artigo, examinamos algumas das semelhanças que emergem desse estudo comparativo, ilustramo-las com alguns de nossos próprios estudos de campo e examinamos as implicações dessa antropologia da migração transnacional para o debate sobre os méritos da imigração. Um grande conjunto de dados etnográficos acerca das redes de imigrantes transnacionais foi produzido por pesquisadores que trabalharam no Caribe e na América Latina. As descrições mais ricas dos processos transnacionais são as economias domésticas de famílias enraizadas tanto em sociedades remetentes como em sociedades receptoras; poucas descrições são disponíveis de organizações transnacionais e de processos políticos. Rubenstein (1982) e Thomas-Hope (1985), na década de 1980 e mais recentemente Gmelch (1992), ao descreverem a migração de retorno da Inglaterra, do Canadá e dos Estados Unidos para os Estados-nações nas ilhas das Índias Ocidentais,¹⁵

15 O termo “Índias Ocidentais” é usado para descrever aqueles países formados com base nos territórios caribenhos sob o controle da Grã-Bretanha durante o período colonial. O termo “caribenho” tem uma conotação mais ampla, referindo-se a todas as

documentaram o entrelaçamento de relações familiares transnacionais e de transações econômicas que reservava um lugar para o retorno dos migrantes a sua pátria, compensando sua vulnerabilidade global. Essas conexões permitiram que os imigrantes, durante seus anos no exterior, tivessem seus filhos cuidados por parentes em seu país, a continuarem como atores em decisões familiares importantes, a fazer visitas em intervalos regulares e a comprarem propriedades e construir casas e empresas em seu país de origem, mesmo que tenham comprado casas e criado negócios em seu país de fixação.

Georges (1990) e Grasmuck e Pessar (1991) notaram que indivíduos e famílias lutavam para manter sua posição de classe ou para assegurar a mobilidade de classe na República Dominicana trabalhando ou criando negócios em Nova York. Embora tais estadias às vezes sejam temporárias, a volta para casa é muitas vezes “frágil” (GRASMUCK; PESSAR, 1991, p. 86), de modo que muitos imigrantes acabam vivendo uma existência estabelecida nos Estados Unidos, mas investindo em propriedades, negócios e status social na República Dominicana. Laguerre (1978) e Brown (1991) descreveram redes familiares transnacionais haitianas de famílias da classe trabalhadora urbana. Muito embora não tenham desenvolvido plenamente um conceito de transnacionalismo, alguns poucos estudiosos da migração reconheceram que os vínculos transnacionais que eles estavam observando tinham implicações para os imigrantes e sua sociedade de origem e de acolhimento (CHANEY, 1979). Por exemplo, Gonzalez (1988, p. 10) notou que muitos “*Garifuna*” haviam “se tornado cidadãos dos Estados Unidos, mas ainda se consideravam membros de duas (ou mais) sociedades”.¹⁶

ilhas-Estado que ficam no Mar do Caribe, bem como aos Estados ao longo da margem norte da América do Sul (ver BASCH, 1987, 1992).

¹⁶ Trabalho posterior sobre as redes de trabalho Garifuna que interconectam populações em múltiplos estados-nação foi feito por Macklin (1992). Ele identificou um padrão pelo qual as redes de trabalho de imigrantes se estendem a tantos países que os imigrantes

Estudiosos, como Takaki (1989) e Pido (1986), escrevendo a respeito das populações de imigrantes asiáticos nos Estados Unidos, foram ainda mais focados nos problemas de integração, da assimilação e do pertencimento dos imigrantes, do que aqueles que escrevem a respeito de imigrantes latino-americanos e caribenhos. Não obstante, relatos etnográficos recentes contêm algumas descrições de imigrantes das Filipinas, da China e da Coréia que continuam a manter laços com a pátria (PIDO, 1986; WONG, 1982; KIM, 1987).

Evidências de padrões transnacionais de interconexão podem ser encontradas em descrições de migrações para os Estados Unidos e a Europa Ocidental, partindo da maioria das regiões do mundo. Alguns etnógrafos trabalhando com imigrantes recentes na Itália, França, Holanda e Espanha tem ocasionalmente observado evidências de ligações transnacionais (EINTZIGER, 1985; CARTER, 1994; NEVEU, 1994; JIMENEZ ROMERO, 1994). Notou-se recentemente que as casas pagas em dólares transformam a paisagem e inflacionam os valores do solo locais nas Filipinas e na Índia, bem como no Caribe, na América Latina, no Pacífico e na África. Contudo, mesmo quando conseguiram documentar a circulação de pessoas e de remessas (BALLARD, 1987) ou identificaram o crescimento de diásporas culturais transnacionais (COHEN, 1994; HALL, 1990), certo número de estudiosos trabalhando na Europa já vieram a reconhecer a importância dessas interconexões para estudos de migração e de política cultural. Um conceito de “transnacionalismo” permitiria aos pesquisadores levar em conta o fato de que os imigrantes vivem sua vida no outro lado das fronteiras nacionais e respondem às restrições e demandas de dois ou mais Estados.

desenvolvem como identidade que, de alguns modos, é independente de qualquer território ou história nacional particular.

Uma Etnografia Comparativa do Transnacionalismo Caribenho e do Filipino

Entre os transmigrantes caribenhos e filipinos com quem trabalhamos, os processos de fixação favoreceram o desenvolvimento do transnacionalismo. À medida que se instalavam em seu novo lar, os membros dessas populações desenvolveram múltiplos laços sociais, econômicos e políticos que se estenderam além das fronteiras. A incorporação aos Estados Unidos acompanhou e contribuiu para incorporação à sociedade de origem. Fundamental para essas múltiplas redes de interconexão são as redes de parentesco que se baseiam em uma ou mais famílias. Entre todas as classes se leva alguns recursos para migrar e, frequentemente, a migração e o estabelecimento de redes transnacionais são estratégias para assegurar que uma família seja capaz de preservar o que tem em termos de recursos e de posição social. Redes de famílias ampliadas flexíveis tem sido desde há muito usadas em todos esses países para proporcionar acessos a recursos. Alargando, reconfigurando e ativando essas redes através de fronteiras nacionais, as famílias são capazes de maximizar a utilização de trabalho e de recursos em múltiplos cenários e sobreviver dentro de situações de subordinação e incertezas econômicas. Essas redes familiares, por meio de fronteiras políticas e econômicas, proporcionam a possibilidade de sobrevivência individual e, às vezes, de mobilidade social em contextos de vulnerabilidade e subordinação em relação ao capitalismo mundial tanto na pátria como no exterior.

Essas estratégias familiares coletivas transnacionais têm também implicações importantes para produção e reprodução das classes nos dois extremos do fluxo de migração. São úteis em manter, e também às vezes em realçar, as posições sociais e econômicas das famílias dos transmigrantes em estruturas de classes na pátria onde as oportunidades

estão com frequência se deteriorando. A família camponesa vicentina dos Carringtons é um adequado exemplo da necessidade de distribuir os membros da família em diversos locais a fim de sobreviver como uma unidade e reter uma base de terras em São Vicente e as vantagens relativas que advém de uma tal estratégia. Essa família possuía dois acres de terra, cuja produção a mãe vendia no mercado local. Os membros dessa família moravam numa casa de tábuas simples com dois cômodos, sem encanamento interno ou eletricidade. Duas filhas, as quais não conseguiam encontrar emprego na economia estagnada de São Vicente, apesar da independência política recente do país, migraram para os Estados Unidos como trabalhadoras domésticas para garantir uma renda que pudesse sustentar os membros da família em São Vicente e contribuir para a construção de uma casa de alvenaria para a família. Dois irmãos que também não conseguiam encontrar trabalho no local, migraram para Trinidad como trabalhadores especializados em mecânica de automóveis e em construção civil. A esposa de um dos irmãos juntou-se mais tarde às irmãs do marido em Nova York, onde ela também se tornou uma trabalhadora doméstica. A mãe ficou em São Vicente para cuidar das crianças pequenas de seu filho e supervisionar a construção da casa da família. Em vários momentos um dos irmãos em Trinidad, quando foi demitido de seu emprego, voltou para a casa da família em São Vicente; com empréstimos de suas irmãs de Nova York, foi-lhe possível retornar para Trinidad quando as oportunidades de emprego lá melhoraram.

Um casal de classe média filipino, que teve o apoio de sua família ampliada cortado por conta de um desacordo na empresa familiar, experimentou dificuldades para encontrar um emprego adequado e para manter seus filhos na escola na década de 1980. Diante da possibilidade da redução de uma posição de classe e de status social, eles assumiram um risco calculado e migraram (primeiro a esposa e depois o marido

e as crianças) para os Estados Unidos, muito embora tenham tido de deixar dois filhos para trás para concluir a escola. Depois da migração, as decisões quanto aos filhos que ficaram foram por telefone e as crianças tiveram que ir de um lado para outro entre a escola e as oportunidades de negócios em diferentes partes dos Estados Unidos e das Filipinas. Depois do casamento bem-sucedido da filha com um dentista de Manila, que foi financiado por dólares ganhos nos Estados Unidos, a família está agora comprando um terreno para construir uma casa nas Filipinas; também está investindo nos Estados Unidos poupanças num pequeno negócio iniciado por um dos filhos em Manila. Os pais continuam a viver num pequeno apartamento alugado no Queens.

Nem todos dentro de uma rede familiar ou mesmo dentro de uma casa de família podem se beneficiar no mesmo grau e aparecem muitas tensões à medida que homens e mulheres, tanto aqueles que estão no país como aqueles no exterior, definem seus interesses e necessidades diferentemente¹⁷. Por exemplo, um médico haitiano morando no Queens convidou suas sobrinhas do Haiti para morar em sua casa. Sua esposa, que se deparou com uma responsabilidade dobrada de trabalho e tarefas domésticas devido à presença das parentes do marido, ficou contrariada com esse arranjo. Sua ira foi alimentada pelo fato de que ela queria um quarto para as crianças de suas irmãs. As famílias transmigrantes haitianas mais pobres se sentem esmagadas por “contas aqui e ali”, enquanto aqueles deixados no país de origem sentem que não estão sendo adequadamente reembolsados pelos recursos da família que investiram ao enviar o migrante para o exterior. Os haitianos de origem camponesa, analfabetos e com pouco acesso ao telefone no Haiti, desenvolveram uma retórica na forma de canções enviadas por meio de cassetes de fitas de áudio dentro das quais as tensões e as fissuras dentro das famílias

¹⁷ Ver Pessar (1991) para uma elucidação desse tema.

transnacionais e as redes de parentesco são comunicadas (RICHMAN, 1992a). Mulheres, que frequentemente carregam a responsabilidade pela criação das crianças, enfrentam pressões particulares para enviar dinheiro para casa. Um estudo das remessas de haitianos enviadas da cidade de Nova York para o Haiti indicou que as mulheres enviam quantias maiores de dinheiro do que os homens, sendo as mulheres que são “arrimo da família” as que enviam as maiores quantias (DE WIND, 1987).

Os migrantes também têm criado atividades comerciais que dão base aos relacionamentos transnacionais e também os incentivam. Estudiosos da imigração nos Estados Unidos dedicaram uma grande quantidade de energia na investigação de economias de enclaves, postulando que os imigrantes estabelecidos de forma densa são capazes de gerar seus próprios mercados internos para culinárias, produtos e objetos culturalmente específicos (SASSEN-KOOB, 1985). Contudo, é possível considerar tais transações comerciais como localizadas dentro de um espaço transnacional que se estende sobre as fronteiras nacionais, ao invés de estarem limitadas a enclaves com bases territoriais.

Às vezes as interconexões comerciais são clandestinas ou de tão pequena escala que são quase invisíveis. Isso é certamente verdadeiro quanto às redes das economias transnacionais mantidas por muitos haitianos que usam visitas de familiares entre o Haiti e os Estados Unidos para reabastecer pequenas lojas e negócios no Haiti com produtos trazidos para o Haiti em bagagens pessoais. Quando vem para visitas periódicas para obter tratamento médico por meio do *U.S. Medicare* [o Sistema de Seguro de Saúde para Idosos dos Estados Unidos] para o qual está habilitada depois de longos anos de trabalho no país, assim como por meio de visitas a parentes em Montreal, Yolande e seu marido reabastecem sua pequena loja de presentes em Porto Príncipe. Immacula, quando visita sua irmã, traz alvejante e outros suprimentos para a sua

agência funerária. Muitos *mambos* e *houngon* (sacerdotes e sacerdotisas que conduzem os encontros do “voodoo” haitiano) importam objetos dos rituais no Haiti para suas cerimônias nos Estados Unidos.

Frequentemente os mais bem sucedidos negócios de migrantes surgem nos próprios interstícios criados pelo transnacionalismo -- por exemplo, companhias de entregas e de transporte aéreo, firmas de importação e exportação, contratadores de mão de obra e casas de transferência de dinheiro. Ao mesmo tempo os negócios facilitam o aprofundamento das relações sociais transnacionais. Uma companhia de navegação iniciada por dois irmãos de São Vicente é um exemplo desses empreendimentos. Carl Hilaire, usando as poupanças que acumulou de seu emprego como funcionário de um banco em Nova York, deu início a um negócio de remessas de volumes de mercadorias entre migrantes de Nova York e seus parentes em São Vicente. Seu irmão em São Vicente recebia e entregava os produtos assim que chegavam em São Vicente. O sucesso da companhia de navegação dos irmãos só em parte estava relacionado a seus ativos envolvimento em atividades de serviço social, tanto em São Vicente como na comunidade de imigrantes de Nova York, onde cada um era bem conhecido.

Apesar do amplo uso dessa empresa feito por famílias e negócios de transmigrantes em Nova York e em São Vicente, o limitado capital disponível na comunidade de imigrantes do leste caribenho serviu como freio ao crescimento dessa empresa. Empregados anteriormente como funcionários administrativos de nível júnior em companhias do setor de serviços, os imigrantes vicentinos, incluindo Carl, dispunham de fundos monetários limitados para propósitos de investimento e de limitadas conexões com pessoas detentoras de capital, para possibilitar que esse negócio se expandisse para atividades relacionadas ou para ser estendido a outras ilhas das Índias Ocidentais.

Contudo, é possível para as empresas que a intermediação de conexões transnacionais facilitadas gerem grandes quantidades de capital. Quando, por volta de 1987, as remessas anuais feitas para o Haiti a partir da área metropolitana de Nova York cresceram até atingir um valor estimado de 99,5 milhões de dólares por ano, o Citibank investigou a possibilidade de competir com a lucrativa empresa haitiana de transferência de dinheiro que havia se desenvolvido nos Estados Unidos (DE WIND, 1987). Devido a seu maior tamanho de população e de sua base de recursos, os filipinos foram capazes de desenvolver empresas de transmigrantes de larga escala, com múltiplos ramos, além das fronteiras nacionais, usando os interstícios criados pelas vidas transnacionais em andamento dos novos imigrantes. Por exemplo, começando com a venda de arroz e verduras para enfermeiros filipinos por um pequeno caminhão de entregas como uma segunda fonte de renda, um contador filipino progressivamente cresceu até transportar, por via aérea, grandes volumes de caixas *balikbayan* (“de regresso à pátria”) dos transmigrantes. Dez anos depois, ele tinha escritórios em Nova York, Manila e em seis outras cidades filipinas, uma frota de cerca de 100 mensageiros que buscavam e entregavam pacotes de porta em porta e um acordo especial com certas companhias aéreas. A empresa, que no início funcionava em caráter de meio expediente, se tornou um grande investimento e uma ocupação de tempo integral para ele e outros membros de sua família. O crescimento dessas empresas é um testemunho dos múltiplos laços que se estendem entre o país de origem e o país hospedeiro.

As práticas transnacionais vão muito além dos lares e das redes familiares e incluem organizações que ligam o país de origem a uma ou mais sociedades em que sua população se estabeleceu. As “associações voluntárias” de imigrantes têm sido frequentemente estudadas como instituições que auxiliam na adaptação dos recém-chegados a uma nova

localidade (MANGIN, 1965). Por outro lado, pesquisadores que têm procurado explicações para a persistência cultural em meio às pressões assimilativas argumentam que os imigrantes criam organizações para preservar suas práticas e valores, até porque elas auxiliam na adaptação (JENKINS *et alii*, 1985). Programas sociais voltados para a incorporação de migrantes em sua nova sociedade frequentemente usam essas organizações como agentes culturais. Mais recentemente, nos Estados Unidos, as organizações de imigrantes têm sido vistas como representativas de comunidades étnicas que contribuem para a diversidade cultural da nação. Nenhuma dessas abordagens examinou a contribuição dessas organizações em tornar o crescimento dos espaços sociais e políticos e as práticas culturais que vão além dos limites do estado-nação. Também não exploradas pelos estudiosos ou elaboradores de políticas públicas são as implicações das conexões organizacionais transnacionais para esforços programáticos de usar organizações de imigrantes como agentes da incorporação social e política dos imigrantes na sociedade receptora.

Cada uma das quatro populações de imigrantes com as quais trabalhamos desenvolveram organizações que construíram uma rede densa de interconexões transnacionais. Elas organizaram não só imaginários nostálgicos do país de origem, mas relações ativas com ele. Essas atividades organizacionais proporcionaram uma base sobre a qual os líderes foram capazes de validar ou construir o capital social e político em ambas as sociedades. Vicentinos e granadinos, dado um histórico de migração para os Estados Unidos que se estende por todo o século 20, e confrontando barreiras raciais no passado e no presente que impediram sua total incorporação à vida social e política da nação, têm uma longa história de usarem organizações para manter interconexões

transnacionais (BASCH, 1992; BASCH *et alii*, 1994; TONEY, 1986)¹⁸. As crescentes atividades transnacionais das organizações de vicentinos e granadinos depois de 1970 demonstram o importante impacto que o auto-governo e a independência política nas Índias Ocidentais, aliados à emigração amplamente expandida para os Estados Unidos, tem tido na organização de um campo social transnacional multifacetado.¹⁹

Os transmigrantes filipinos construíram uma rede densa de vínculos com centenas de organizações que promovem eventos religiosos, culturais e sociais nas Filipinas, bem como nos Estados Unidos. As festas, por exemplo, em cidades das Filipinas assumiram grande escala com a participação das organizações filipinas nos Estados Unidos. Algumas das organizações desenvolveram novas formas de identidade nacional filipina e de ação política e mediaram relações entre os governos dos Estados Unidos e das Filipinas (BASCH *et alii*, 1994).

Um levantamento dos líderes de organizações haitianas na cidade de Nova York, iniciado durante a ditadura de Duvalier, indicou a amplitude dos vínculos organizacionais que podem crescer, mesmo numa situação em que as organizações transnacionais sejam vistas com

¹⁸ Essas interconexões, que eram aparentes no início da década de 1980, levaram Basch a projetar um estudo para explorar a extensão e as ramificações dessas conexões. Essa pesquisa foi conduzida sob os auspícios do Instituto das Nações Unidas para o Treinamento e a Pesquisa e foi financiado pelo Fundo das Nações Unidas para Atividades Populacionais e o Centro de Pesquisas sobre o Desenvolvimento Internacional (Ottawa, Canadá). Rosina Wiltshire, Winston Wiltshire e Joyce Toney foram pesquisadores colaboradores de Basch; seus esforços foram muito ajudados pela assistente de pesquisa de Colin Robinson, Isa Soto, e Margaret Souza.

¹⁹ A legislação sobre imigração de 1965 e as relações sociais e econômicas entre os Estados Unidos e o Caribe que modelaram sua promulgação, liberalizaram largamente as restrições sobre a imigração das Índias Ocidentais que estavam em vigor desde a década de 1920. Esse momento histórico (1965 a 1970) foi uma linha divisória na expansão da população das Índias Ocidentais, das atividades sociais, políticas e econômicas das Antilhas e de suas afirmações crescentes de uma identidade pública das Índias Ocidentais em New York. Organizações transnacionais desempenharam um importante papel no fomento desses desenvolvimentos entretecidos.

suspeita ou sejam ativamente oprimidas no país de origem.²⁰ Nem todas as organizações haitianas em Nova York eram transnacionais, mas mais de 40% estavam engajadas em atividades voltadas, pelo menos em parte, ao Haiti, e 60% viam parte de suas atividades, contribuindo de alguma forma para o Haiti. A variedade das organizações que operavam num campo social transnacional incluía igrejas protestantes e católicas, organizações de ex-alunos de várias escolas secundárias, associações de residentes, lojas maçônicas, associações culturais²¹ e organizações que se consideravam como uma voz “da comunidade haitiana em Nova York”. Essas organizações consideravam seus membros como não exclusivamente parte dos Estados Unidos nem do Haiti, mas sim como estando conectados simultaneamente às duas sociedades. Educar a juventude haitiana nos Estados Unidos contribuiria para o seu sucesso como americanos e ajudaria na transformação do Haiti. Após a queda do regime de Duvalier, muitas dessas organizações trabalharam para desenvolver bases organizacionais no Haiti.

Os transmigrantes têm sido partidários e participantes das lutas contra as ditaduras no Haiti, nas Filipinas e em Granada e têm cobrado seus respectivos governos para serem os responsáveis por fazer a democracia funcionar. Por meio de organizações, bem como com base nas relações pessoais transnacionais, os transmigrantes foram capazes de desempenhar um importante papel nas arenas políticas dos Estados Unidos e de seus países de origem. Os principais membros do movimento

²⁰ O levantamento, bem como um outro formado por organizações americanas que deram apoio à organização étnica haitiana, foi financiado por uma subvenção do Instituto Nacional para a Saúde da Criança e o Desenvolvimento Humano (# 281-40-1145) para Josh DeWind e Nina Glick Schiller. Foi desenvolvido e administrado por uma equipe de pesquisa que incluiu Maria Lucie Brutus, Carolle Charles, George Fouron e Antoine Luis Thomas. Para um relatório sobre algumas das descobertas, ver Glick Schiller *et al.*, 1992 [1987].

²¹ Em sua pesquisa com organizações filipinas na cidade de Nova York, Szanton Blanc encontrou uma série similar de organizações com conexões transnacionais.

anti-Duvalier nos Estados Unidos voltaram ao Haiti na década de 1980 e construíram apoio para a reforma política e social a partir de bases tanto no Haiti como nos Estados Unidos. Nos anos entre a queda do regime de Duvalier, em 1986, e a eleição de Aristide, em 1990, candidatos ao legislativo e à presidência haitiana fizeram campanha nos Estados Unidos, no Canadá e no Haiti. Muitos já residiam nos Estados Unidos há muito tempo. Assumindo a postura de que compartilhavam um destino comum, os haitianos fizeram manifestações em Nova York, Washington, Miami, Boston, Montreal e Porto Príncipe para exigir mudanças políticas no Haiti, protestar contra a rotulagem dos haitianos como portadores de AIDS e para restabelecer Aristide como presidente do Haiti.

Imigrantes de São Vicente e de Granada têm trabalhado em estreita colaboração e, às vezes, como representantes dos governos do país de origem para obter apoio econômico dos Estados Unidos. Transmigrantes granadinos, por exemplo, tentaram persuadir o governo americano a prestar assistência econômica, que foi prometida mas nunca concretizada, depois da invasão americana ao seu país e esperada pela Iniciativa da Bacia do Caribe. Ativos em esforços para desenvolver as exportações agrícolas e industriais de seu país de origem, os migrantes granadinos e vicentinos construíram organizações que trabalharam em estreita colaboração com os consulados de seu país de origem em Nova York para obter termos mais favoráveis comércio para os produtos agrícolas e manufaturados do Caribe que eram importados para os Estados Unidos. Têm, também, feito parte de esforços para obter cotas de imigração mais lenientes.

Os transmigrantes filipinos foram uma importante força no desenvolvimento da oposição ao governo de Marcos no despertar das condições econômicas em deterioração no país de origem e para assegurar apoio americano para derrubar Marcos. Através da organização

dos transmigrantes, de grupos de discussão, palestras e exposição na imprensa, uma nova forma de nacionalismo se criou e se promoveu entre os transmigrantes nos Estados Unidos sob a liderança de opositores do governo de Marcos. Esse movimento ganhou ímpeto depois do assassinato de Aquino. O movimento fez *lobby* em favor de um novo governo e pela renovação da democracia nas Filipinas e obteve a colaboração de importantes senadores e deputados americanos. O ultraje popular nos Estados Unidos como nas Filipinas quanto à manipulação por Marcos das eleições nacionais filipinas, confirmada pelas observações pessoais de altos políticos americanos e acompanhada pelo intenso *lobby* de transmigrantes, por fim forçou o governo de Reagan a mudar sua política com relação a Marcos e ajudou a derrubar seu regime. O contingente dos regimes filipinos que se seguiram, começando pelo de Cory Aquino, estavam repletos de atuantes políticos cujas redes pessoais e políticas os vinculam tanto aos Estados Unidos como às Filipinas. Nas décadas de 1980 e 1990, os crescentes esforços de *lobby* por parte dos filipinos para persuadir o Congresso americano e obter assistência para as Filipinas refletem um terreno político de densa interconexão transnacional.

Essas atividades foram todas encabeçadas por líderes imigrantes nos Estados Unidos, que agiam em sincronia com atores políticos em seu Estados-nação de origem. Lamuel Stanislaus, um líder informal da comunidade de imigrantes das Índias Ocidentais no Brooklyn, é um exemplo de como os imigrantes são capazes de participar -- e deter impacto -- nas lutas políticas tanto em Granada como nos Estados Unidos. Dentista que atendia às populações das Índias Ocidentais e afro-americanas no Brooklyn, Stanislaus emigrou de Granada havia mais de quarenta e cinco anos para estudar na Universidade de Howard. Em meados da década de 1980, tornou-se um importante organizador de um grupo de apoio composto por imigrantes das Índias Ocidentais em Nova

York para reeleger o prefeito Koch. Os membros dessa sua organização perceberam que o então prefeito era conhecedor dos interesses e seria sensível a esses interesses dos migrantes das Índias Ocidentais em Nova York. Stanislaus havia participado de muitas reuniões com Koch, nas quais tentou persuadi-lo a atender aos interesses dos migrantes das Índias Ocidentais. Ao mesmo tempo, Stanislaus, que durante os últimos anos do governo de Bishop, foi expressivo em sua oposição ao que ele considerava serem práticas antidemocráticas daquele governo, liderou um grupo de apoio de granadinos, localizado tanto em Nova York como em Granada, para eleger um sucessor de Maurice Bishop, depois que Bishop foi assassinado e os Estados Unidos invadiram Granada. Quando o candidato de Stanislaus foi eleito primeiro-ministro de Granada, o próprio Stanislaus foi nomeado embaixador de Granada nos Estados Unidos, embora fizesse mais de quarenta anos que não visitava Granada.

Como vemos nesses exemplos, a habilidade desses transmigrantes para lidar com a influência política tanto nos Estados Unidos como em seus estados-nação natais deriva de sua incorporação política em ambos os cenários. Organizar o povo comum unido a novos movimentos sociais bem como a políticas eleitorais tem ocorrido nas arenas políticas transnacionais emergentes. Enquanto a ética política dominante dos Estados Unidos continua a exigir que os cidadãos, tanto os nativos como os naturalizados, jurem lealdade somente aos Estados Unidos e definam sua identidade política no interior de suas fronteiras, o transnacionalismo de números crescentes de seus cidadãos promove novas construções políticas nos Estados que enviam força de trabalho. Diante de situações de extremo empobrecimento econômico e dependência, líderes caribenhos estão desenvolvendo construções de seu Estado-nação que abrangem aqueles que residem no exterior como parte de seu corpo político. Essas construções, que denominamos como “Estados-nação

desterritorializados” (BASCH *et alii*, 1994), definem as fronteiras do Estado em termos sociais mais do que geográficos. De acordo com essa leitura do estado-nação, as fronteiras do estado se espalham globalmente para abranger todos imigrantes e seus descendentes onde quer que eles possam se estabelecer e qualquer que seja a cidadania legal que eles possam ter conseguido.

Bishop, o primeiro ministro de Granada durante o início dos anos 1980, refletindo a perspectiva de diversos líderes políticos das Índias Ocidentais, salienta a importância dos imigrantes para a construção da nação de Granada, referindo-se ao Brooklin como “o maior eleitorado de Granada”. Para assegurar que os emigrantes permaneçam conectados e comprometidos a projetos de sua pátria, tanto ideológica como financeiramente, grande número de líderes políticos das Índias Ocidentais visita seu “eleitorado” na diáspora para descrever suas iniciativas desenvolvimentistas. Fazendo assim, eles envolvem os transmigrantes nos processos de construção do Estado-nação dos países das Índias Ocidentais.

Já no ano de 1973 o presidente Marcos das Filipinas e subsequentemente seus sucessores desenvolveram um programa para os *balikbayan* (“vindos para casa”) e começaram a usar o termo para se referir a cidadãos e não-cidadãos residentes no exterior. Eles encorajaram os migrantes a visitar a pátria com visto e facilitação de viagens e deram autorização para grandes remessas por navios de bens pessoais que, no final das contas, alimentaram negócios de importação-exportação transnacionais e arrecadaram impostos sobre as rendas recebidas no exterior. Funcionários do governo conclamaram transmigrantes filipinos a financiar projetos de desenvolvimento nas Filipinas e exercer um *lobby* por aumento da ajuda americana. Senadores e congressistas filipinos foram aos Estados Unidos para fazer campanha para sua eleição a cargos

públicos nas Filipinas.

Essa ampliação das fronteiras do Estado-nação para incluir populações transmigrantes há longo tempo estabelecidos e frequentemente cidadãos legalmente de outros países foi realçada pelo discurso político do presidente Aristide do Haiti. Em 1991, ele designou a diáspora haitiana como *Dizyem-na*, o “Décimo Departamento” do Haiti. O Haiti tem nove divisões territoriais chamadas departamentos. Ao incluir os haitianos em qualquer outro país em que se estabeleceram como parte do Estado-nação haitiano, Aristide contribuiu para uma nova construção do Estado-nação pós-colonial. Nessa construção do Haiti como um Estado sem fronteiras, o território haitiano se torna um espaço social que pode existir dentro das fronteiras legais de muitos Estados-nação.²² O Haiti agora existe em qualquer parte do mundo onde os haitianos se tenham estabelecido. Falando sobre a “sede da diáspora”, ele ofereceu o modelo do sionismo judaico como evidência da produtividade dessa estratégia na qual, na leitura haitiana, a diáspora permanece no exterior, mas provê dinheiro e assistência política ao país de origem (RICHMAN, 1992b).²³

A construção por Aristide do Décimo Departamento reconheceu, aceitou e fez uso da imersão múltipla dos transmigrantes haitianos e sua

²² George Anglade tinha usado antes o termo em seus escritos, mas Aristides o popularizou. O conceito de Décimo Departamento encontrou imediatamente uma nota ressonante entre um certo número de imigrantes haitianos de classe média e líderes políticos aspirantes nos Estados Unidos e eles prosseguiram no sentido de fazer uma série de reuniões para organizar a maneira como eles iriam ajudar o Haiti e escolher representantes oficiais do Décimo Departamento.

²³ Aristide também promoveu uma campanha para assegurar que quando os transmigrantes viessem para visitar seu país e gastar seu dinheiro, se sentissem bem-vindos. No passado, pessoas na diáspora eram frequentemente desvalorizadas como oportunistas não autênticos que tinham abandonado o navio. “Diáspora” se tornou um termo um tanto pejorativo. Em contraste, Aristide conclamou a população haitiana a dar as boas vindas aos transmigrantes que retornassem ao Haiti não para aí se estabelecerem, mas como “bons turistas crioulos crescidos na pátria” (*bon jan pitit kay tourist Kreyol*) e para vê-los não como uma ameaça, mas como uma fonte de assistência para as lutas do povo haitiano (RICHMAN, 1992).

participação na vida política dos Estados Unidos. O transnacionalismo haitiano estava mais do que legitimizado: estava nacionalizado. Com a nacionalização dos transmigrantes, Aristide tornou o transnacionalismo haitiano uma força política que precisa ser figurada no relacionamento entre o Haiti e os outros Estados-nação nos quais os haitianos se estabeleceram. Teorizando uma nação desterritorializada, líderes como Aristide estão definindo as eleições, a atividade de *lobby*, a disputa por cargos públicos, a organização de manifestações, a formação de opinião pública, a remessa de valores e a manutenção de outras atividades transnacionais empreendidas nos Estados Unidos como atos de cidadania e expressões de lealdade a um outro país.

As forças hegemônicas americanas, por outro lado, têm reagido ao crescente compromisso de transmigrantes de participar dos processos políticos tanto dos Estados Unidos como da sociedade de origem por renovados esforços corporativos. Elas têm insistido em que as lealdades mais profundas dos imigrantes caribenhos precisam ser em relação aos Estados Unidos. Entrevistas levadas a efeito em 1986 com representantes de cinquenta e uma entidades filantrópicas, igrejas e agências estatais que trabalhavam com organizações de imigrantes haitianos deixaram isso claro. Representantes de organizações americanas foram explícitos em sua insistência em que os imigrantes haitianos se tornassem cidadãos americanos e renunciassem a sua lealdade ao Haiti. Tanto implicitamente por meio de dinheiro, de assistência técnica e de conexões políticas que eles forneciam para organizações como explicitamente no curso de encontros e conversações com líderes haitianos, esses representantes mandavam uma mensagem consistente. Isso foi sumarizado por um representante da Sociedade de Serviços Comunitários, uma grande organização filantrópica: “Eu tenho problemas com a dupla cidadania; eu creio em lealdade a um país.”

Implicações do Transnacionalismo para o Debate da Imigração

O paradoxo de nossos tempos e que precisa ser central para o nosso entendimento das identidades e dilemas dos imigrantes dos dias atuais é que a “era do transnacionalismo” é um tempo de contínua e mesmo de intensificação dos processos de construção do Estado-nação. Na atual intensificação do sentimento nacionalista numa economia globalizada, a migração transnacional está desempenhando um papel complexo, significativo, ainda que pouco notado (MILES, 1993). Fica como um silencioso subtexto que contribui para as ações, motivações e sensibilidades de atores-chave dentro dos processos e debates políticos tanto dos Estados que têm histórias de dispersão de população como de Estados que fundamentalmente têm sido e continuam a ser recebedores de fluxos populacionais. Nos Estados Unidos os debates tanto sobre imigração como sobre multiculturalismo precisam ser analisados em relação aos esforços de forças dominantes para reconstruir o consenso nacional e legitimar estruturas do Estado ao mesmo tempo em que eles globalizam a economia nacional. A passagem em 1994 do Acordo Geral sobre o Comércio e Tarifas [o *GATT*] e a Proposição 187 da Califórnia que nega serviços vitais a imigrantes não-documentados são um conjunto equiparado de iniciativas de políticas públicas. À medida que a economia nacional é reestruturada para facilitar níveis mais altos de lucro para o capital transnacional, os políticos e a mídia têm projetado uma mentalidade fechada convencendo a maioria da população, incluindo as pessoas que são elas mesmas imigrantes, de que as fronteiras nacionais têm de ser defendidas contra os não-documentados. Trabalhadores não-documentados são acusados de serem a causa da deterioração da infraestrutura e da falta de serviços públicos.

A estratégia das forças hegemônicas americanas formando um consenso nacional ao descrever os imigrantes como inimigos da nação não é nova. Contudo, o foco particular sobre os não-documentados merece ser examinado por diversas razões. Certamente a habilidade contínua do estado-nação de punir violações da lei não deveria ser descartada em debates a respeito do desaparecimento do Estado-nação. No setor da retirada de direitos à saúde, à educação e à paz mental, o Estado-nação americano está claramente apto a reforçar uma distinção entre categorias de pertencimento. Contudo, deveria se notar que a retórica política e políticas públicas tais como a Proposição 187 distinguem residentes legais e não-documentados, antes do que nascidos no país e estrangeiros ou cidadãos e não-cidadãos. De modo semelhante, a Comissão Federal Especial de Reforma da Imigração, presidida pela antiga deputada Barbara Jordan, não defende parar a imigração, mas propõe a restrição da imigração não-documentada.

Essa ênfase particular em categorias de legalidade tem um impulso duplo. O debate é tanto sobre limitar a lealdade dos imigrantes aos Estados Unidos quanto sobre reduzir o fluxo da imigração. Naturalmente, a discussão pública nacional atual a respeito da imigração certamente contribui para uma mais ampla histeria anti-imigração que tem fundamentos racistas, pela qual todos os imigrantes de cor têm sua presença e atividades sob escrutínio crescente. Conceitos como o da “a América branca” são reforçados. Todavia, ao mesmo tempo, os imigrantes documentados são levados ao debate do lado do reforço, validando seu direito de pertencimento, mas se diferenciando eles mesmos de outros imigrantes. Há uma dialética entre inclusão e exclusão que disciplina os migrantes transnacionais ao focar a atenção pública no grau pelo qual eles pertencem aos Estados Unidos. O debate atual acerca dos imigrantes nos Estados Unidos conduzirá não ao efetivo policiamento das fronteiras

nacionais, mas à reinscrição das fronteiras. Serve para se contraporem identidades e lealdades transnacionais e cria um terreno no qual os imigrantes são coagidos a defender o que quer que eles tenham alcançado ou obtido, defendendo isso contra os não-documentados. Eles são assim empurrados para um discurso de identidade que os liga ao estado-nação americano como uma estrutura delimitada de leis e instituições assim como de um território defendido. Todavia, nenhum dos processos de construção da nação abrange inteiramente a complexidade e as múltiplas identidades que constituem a vida dos transmigrantes.

Referências Bibliográficas

American Academy of Political and Social Science. From foreign workers to settlers? Transnational migration and the emergence of new minority. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science** 485 (May, 1986): 9-166.

ANDERSON, Benedict. The new world disorder. **New Left Review** 193, 1992, p. 2-13.

_____. **Imagined communities**: Reflections on the origins and spread of nationalism, rev. ed. London: Verso, 1991 [1983].

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and difference in the global cultural economy. **Public Culture** 2(2), 1990, p. 1-24.

_____. **Global ethnospaces**: Notes and queries for a transnational anthropology. Recapturing anthropology, ed. R. Fox. Santa Fe NM: School of American Research Press. 1991.

_____. Patriotism and its futures. **Public Culture** 5(3), 1993, p. 411-429.

BALLARD, Roger. The political economy of migration: Pakistan, Britain and the Middle East. In: **Migrants, workers, and the social order**, ed. J. Eades. New York: Tavistock, 1987.

BASCH, Linda. The Vincentians and Grenadians: The role of voluntary

associations in immigrant adaptation to New York City. In: **New immigrants in New York**, ed. Nancy Foner. New York: Columbia University Press. 1987.

_____. The politics of Caribbeanization: Vincentians and Grenadians in New York. In: **Caribbean life in New York City: Sociocultural dimensions**, rev. ed., ed. C.R. Sutton and E.M. Chaney. Staten Island NY: Center for Migration Studies, 1992.

BASCH, Linda; GLICK SCHILLER, Nina; SZANTON-BLANC, Cristina. **Nations unbound: Transnational projects and the deterritorialized nation-state**. New York: Gordon and Breach, 1994.

BROWN, Karen McCarthy. **Mama Lola: A Voudou priestess in Brooklyn**. Berkeley: University of California Press, 1991.

CARTER, Donald. States of grace: Senegalese Mourid in Turin. Paper presented at the symposium Transnationalism, NationState Building, and Culture. Wenner Gren Symposium 117, Mijas, Spain, June, 1994.

CHANEY, Elsa. The world economy and contemporary migration. **International Migration Review** 13, 1979, p. 204-212.

CHARLES, Carolle. Transnationalism in the construct of Haitian migrants' racial categories of identity in New York City. In: **Towards a transnational perspective on migration**, ed. Nina Glick Schiller, Linda Basch, and Cristina Blanc-Szanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992.

CHOCK, Phyllis Pease. Culturalism: Pluralism, culture, and race in the Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups. **Identities: Global Studies in Culture and Power** 1(4), 1992.

CLIFFORD, James. Diasporas. **Cultural Anthropology** 9(3), 1994, p. 302-338.

COHEN, Robin. Notions of diaspora: Classical, modern and global. Paper presented at the Third International Conference on Global History, Robert Black College, University of Hong Kong, 3-5 January, 1994.

DANFORTH, Loring. n.d. How can a woman give birth to one Greek and one Macedonian? The construction of national identity among

immigrants to Australia from northern Greece. Unpublished manuscript.

DE WIND, Josh. The remittances of Haitian immigrants in New York City. Unpublished final report prepared for Citibank. di Leonardi, Micaela. 1984. The varieties of ethnic experience: Kinship, class, and gender among California Italian Americans. Ithaca NY: Cornell University Press. 1987.

EINTZIGER, Hans. Return migration in Western Europe. **International Migration Review** 23(2), 1985, p. 263-288.

FELDMAN-BIANCO, Bella. Multiple layers of time and space: the construction of class, race, ethnicity, and nationalism among Portuguese immigrants. In: **Towards a transnational perspective on migration**, ed. Nina Glick Schiller, Linda Basch, and Cristina Blanc-Szanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992.

_____. The state, saudade and the dialectics of deterritorialization and reterritorialization. Paper delivered at the symposium, Transnationalism, Nation-State Building, and Culture. Wenner Gren Symposium 117, Mijas, Spain, June, 1994.

GELLNER, Ernest. **Nations and nationalism**. Ithaca NY: Cornell University Press. 1983.

GEORGES, Eugenia. **The making of a transnational community: Migration, development, and cultural change in the Dominican Republic**. New York: Columbia University Press, 1990.

_____. Gender, class, and migration in the Dominican Republic: Women's experiences in a transnational community. In: **Towards a transnational perspective on migration**, ed. Nina Glick Schiller, Linda Basch, and Cristina Blanc-Szanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992.

GILROY, Paul. **There ain't no black in the Union Jack**. London: Hutchinson, 1987.

_____. Cultural studies and ethnic absolutism. In: **Cultural studies**, ed. L. Gossberg, C. Nelson, and P. Treichler. New York: Routledge, 1992.

GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Patrick. Beyond the melting pot:

The Negroes, Puerto Ricans, Jews, Italians, and Irish of New York City. Cambridge MA: MIT Press, 1970[1963].

GLICK SCHILLER, Nina. Postscript: Haitian transnational practice and national discourse. In: **Caribbean immigrants in New York**, rev. ed., ed. Constance Sutton and Elsa Chaney. Staten Island NY: Center for Migration Studies, 1992.

GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration. In: **Towards a transnational perspective on migration: Race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered**, ed. Nina Glick Schiller, Linda Basch and Cristina Blanc-Szanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992a.

_____. **Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered**. New York: New York Academy of Sciences, 1992b.

GLICK SCHILLER, Nina; DE WIND, Josh; BRUTUS, Marie Lucie; CHARLES, Carolle; FOURON, George; THOMAS, Antoine. Exile, ethnic, refugee: Changing organizational identities among Haitian immigrants. **Migration Today**, 1987, p. 15: 7-11.

-----1992. All in the same boat?: Unity and diversity in Haitian organizing in New York City. In *Caribbean life in New York City*, rev. ed., ed. Constance Sutton and Elsa Chaney. Staten Island NY: Center for Migration Studies.

GLICK SCHILLER, Nina; FOURON, Georges. "Everywhere we go we are in danger": Ti Manno and the emergence of a Haitian transnational identity. **American Ethnologist** 17(2), 1990, p. 329-347.

GMELCH, George. **Double passage**. The lives of Caribbean migrants abroad and back home. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.

GONZALEZ, Nancie. *Sojourners of the Caribbean: Ethnogenesis and ethnohistory of the Garifuna*. Urbana: University of Illinois, 1988.

_____. **Dollar, dove and eagle: One hundred years of Palestinian migration to Honduras**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.

GRASMUCK, Sherri; PESSAR, Patricia. **Between two islands: Dominican international migration.** Berkeley: University of California Press, 1991.

GUPTA, Akhil. The song of the nonaligned world: transnational identities and the reinscription of space in late capitalism. **Cultural Anthropology** 7(1), 1992, p. 63-77.

GUPTA, Akhil; FERGERSON, James. Beyond "culture": Space, identity and the politics of difference. **Cultural Anthropology** 7(1), 1992, p. 6-23.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In: **Identity: Community, culture, difference**, ed. Jonathan Rutherford. London: Lawrence and Wishart, 1990.

HANDLIN, Oscar. *The uprooted*, 2d ed. Boston MA: Little Brown, 1973[1951].

HANNERZ, Ulf. Scenarios for peripheral cultures. Paper presented at the symposium, Culture, Globalization and the World System held at the University of Stockholm, Sweden, 1989.

_____. Cosmopolitan and locals in world culture. In: **Global cultures, nationalism, globalization, and modernity**, ed. Michael Featherstone. Newbury Park CA: Sage, 1990.

HIGHAM, John; BROOKS, Charles. **Ethnic leadership in America.** Baltimore MD: Johns Hopkins University Press, 1978.

HOBBSBAWM, Eric J. **Nations and nationalism since 1780: programme, myth, and reality.** New York: Cambridge University Press, 1990.

JENKINS, Shirley; SAUBER, Mignon; FRIEDLANDER, Eva. **Ethnic associations and services to new immigrants in New York City.** New York: Community Council of Greater New York, 1985.

JIMENEZ, Romero, C. Transnational migration to Spain. Paper presented at the symposium on Transnationalism, Nation-State Building and Culture. Wenner Gren Symposium 117, Mijas, Spain, June, 1994.

JUSDANIS, Gregory. Greek-Americans and the diaspora. **Diaspora** 1(2), 1991, p. 209-223. KARAKASIDOU, Anastasia. Sacred scholars,

profane advocates: intellectual molding national consciousness in Greece. **Identities: Global Studies in Culture and Power** 1(1), 1994, p. 35-61.

KEARNEY, Michael. Borders and boundaries of state and self at the end of empire. **Journal of Historical Sociology** 5(1), 1991a, p. 52- 74. .

_____. Rites of passage and human rights: Ethnicity and politics in the Greater Mixteca. Paper presented at the 90th Annual Meetings of the American Anthropological Association, Chicago, November, 1991b.

KIM, Illsoo. The Koreans: Small business in an urban frontier. In: **New immigrants in New York**, ed. Nancy Foner. New York: Columbia University Press, 1987.

KNIGHT, Richard V.; GAPPERT, Gary, eds. **Cities of global society**. Vol. 35. Urban Affairs Annual Reviews: Sage, 1989.

KNOX, Paul. World cities and organization of global space. Paper delivered at the New Hampshire International Seminar Series, October 7, 1994, University of New Hampshire, Durham, NH.

LAGUERRE, Michel. **Ticouloute and his kinfolk**: The study of a Haitian extended family. In *The extended family in Black societies*, ed. Demitri Shimkin, Edith Shimkin, and Dennis Frate. Paris: Mouton, 1978.

LESSINGER, Johanna. Investing or going home? A transnational strategy among Indian immigrants in the United States. In: **Towards a transnational perspective on migration**, ed. Nina Glick Schiller, Linda Basch, and Cristina Blanc-Szanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992.

MACKLIN, Catherine. Indigenous, diaspora, and Black. Paper presented at the 91st Annual Meetings of the American Anthropological Association, San Francisco, December, 1992.

MANGIN, William. The role of regional associations in the adaptation of rural migrants to cities in Peru. In: **Contemporary cultures and societies of Latin America**, ed. R. Adams and D. Heath. New York: Random House, 1965.

MARTINELLI, Alberto. The political and social impact of transnational corporations. In: **The new international economy**, ed. Harry Makler,

Alberto Martinelli, and Neil Smelser. International Sociology Association: Sage, 1982.

METZKER, Isaac, ed. **A Bintel brief: Sixty years of letters from the Lower East Side of the Jewish Daily Forward**. New York: Doubleday, 1971.

MILES, Robert. **Racism after "race relations"**. London: Routledge, 1993.

NEVEU, Catherine. Of a natural belonging to a political nation-state: the French case. Paper delivered at the symposium on Transnationalism, Nation-State Building, and Culture. Wenner Gren Symposium 117, Mijas, Spain, June, 1994.

ONG, Aihwa. Limits to cultural accumulation: Chinese capitalists on the American Pacific rim. In: **Towards a transnational perspective on migration**, ed. Nina Glick Schiller, Linda Basch, and Cristina Blanc-Szanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992.

PIDO, Antonio. **The Filipinos in America: macro/micro dimensions of immigration and integration**. Staten Island NY: Center for Migration Studies, 1986.

PORTES, Alejandro; RUMBAUT, Ruben G. **Immigrant America: A portrait**. Berkeley: University of California Press, 1990.

RAUSENBUSH, Winifred; PARK, Robert E. **Biography of a sociologist**. Durham NC: Duke University Press, 1979.

RICHMAN, Karen. **They will remember me in the house: The power of Haitian transnational migration**. Ph.D. Dissertation, University of Virginia, 1992a.

_____. "A lavalas at home/A lavalas for home": Inflections of transnationalism in the discourse of Haitian President Aristide. In: **Towards a transnational perspective on migration**, ed. Nina Glick Schiller, Linda Basch, and Cristina BlancSzanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992b.

ROUSE, Roger. **Mexican migration to the United States: family relations in the development of a transnational migrant circuit**. Ph.D.

dissertation, Stanford University, 1989a.

_____. Mexican migration and the social space of postmodernism. **Diaspora** 1, 1991, p. 8-23.

_____. Making sense of settlement: Class transformation, cultural struggle, and transnationalism among Mexican migrants in the United States. In: **Towards a transnational perspective on migration**, ed. Nina Glick Schiller, Linda Basch, and Cristina Blanc-Szanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992.

_____. Migration and the politics of family life: Divergent projects and the rhetorical strategies in a Mexican transnational migrant community. Unpublished manuscript.

RUBENSTEIN, Hymie. Return migration to the English-speaking Caribbean: Review and commentary. In: **Return migration and remittances: Developing a Caribbean perspective**, ed. William F. Stinner, Klaus de Albuquerque, and Roy S. Bruce-Laporte. Washington DC, RIIES Occasional Papers No. 3, Research Institute on Immigration and Ethnic Studies, Smithsonian Institution, 1982.

SASSEN, Saskia. **The global city: New York, London, Tokyo**. Princeton NJ: Princeton University Press, 1991.

_____. Rethinking integration: A transnational perspective. Paper delivered at the symposium on Transnationalism, NationState Building, and Culture. Wenner Gren Symposium 117, Mijas, Spain, June, 1994.

SASSEN-KOOB, Saskia. Changing composition and labor market location of Hispanic immigrants in New York City, 1960-1980. In: **Hispanics in the U.S. economy**, ed. M. Tienda and G. Borjas. New York: Academic Press, 1985.

SUTTON, Constance; MAKIESKY-BARROW, Susan. Migration and West Indian racial and ethnic consciousness. In: **Caribbean life in New York City: sociocultural dimensions**, rev. ed., ed. Constance Sutton and Elsa Chaney. Staten Island NY: Center for Migration Studies, 1992[1975].

TAKAKI, Ronald. **Strangers from a different shore: A history of Asian Americans**. New York: Penguin Books, 1989.

_____. **A different mirror: A history of multicultural America.** Boston MA: Little Brown, 1993.

THOMAS, W.I.; ZNANIECKI, Florian. **The Polish peasant in Europe and America.** New York: Knopf, 1927.

THOMAS-HOPE, Elizabeth M. Return migration and its implications for Caribbean development: The unexplored connection. In: **Migration and development in the Caribbean: The unexplored connection**, ed. Robert Pastor. Boulder CO: Westview, 1985.

TONEY, Joyce Roberta. The development of a culture of migration among a Caribbean people: St. Vincent and New York. Ann Arbor MI: UMI Dissertation Information Services, 1986.

VASSADY, Bella. "The homeland cause" as a stimulant to ethnic unity: The Hungarian-American response to Karolyi's 1914 tour. **Journal of American Ethnic History** 2(1), 1982, p. 39-64.

WAKEMAN, Frederic, Jr. Transnational and comparative research. *Items* 42(4), 1988, p. 85-88.

WILTSHIRE, Rosina. Implications of transnational migration for nationalism: The Caribbean example. In: **Towards a transnational perspective on migration**, ed. Nina Glick Schiller, Linda Basch, and Cristina Blanc-Szanton. New York: New York Academy of Sciences, 1992.

WITTKE, Carl. **We who built America: The saga of the immigrant.** New York: Prentice Hall, 1940.

WOLF, Eric. **Europe and the people without history.** Berkeley: University of California Press, 1982.

Wong, Bernard P. **Chinatown: Economic adaptation and ethnic identity of the Chinese.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1982.